

iv enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

O PESQUISADOR CARLOS NELSON: POSTURA, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

CARLOS NELSON FERREIRA DOS SANTOS: PENSAMENTO E
REFERÊNCIAS

Maria Lais Pereira da Silva
Universidade Federal Fluminense
marialaisp@gmail.com

O PESQUISADOR CARLOS NELSON: POSTURA, MÉTODOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

RESUMO

Este trabalho trata especificamente do pesquisador Carlos Nelson . Neste sentido, argumenta-se que a necessidade e a importância que dava ao conhecimento, à compreensão mais profunda da realidade enquanto arquiteto, urbanista e planejador, o levaram a discutir e buscar formas de abordagem metodológica apropriadas de outros campos e o seu uso inovador. Nesta busca aproximou-se da antropologia, visando obter as ferramentas que lhe permitissem chegar à “escala do real”, por que, como dizia : “(na escala real) a coisa é bem outra, pois nada tem a obrigação de se relacionar como totalidade na forma que nós queremos”. Por outro lado essa abordagem sofre releituras na medida em que se depara com questões de pesquisa diferenciadas, que exigem ajustes e até a criação de outros procedimentos metodológicos , na época pouco comuns entre planejadores . Assim foi em relação às favelas, ou ao planejamento municipal. Inovou, ainda, nas formas de organização do trabalho de pesquisa.. São essas as questões com as quais dialogamos no trabalho. Envolve, assim uma “conversa” entre o rigor, a flexibilidade , e a criatividade. Para o trabalho, utilizamos não só os escritos do próprio Carlos Nelson, documentos de nosso acervo pessoal, e a experiência de cerca de 20 anos como pesquisadora do CPU, e cerca de 9 anos como colega na Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF.

Palavras-chave: 1 Métodos de pesquisa no urbanismo; 2. crítica, adaptação e flexibilidade na pesquisa urbana

CARLOS NELSON, A RESEARCHER: ATTITUDE, METHODS AND RESEARCH PROCEEDING

ABSTRACT

This paper brings some reflexions on Carlos Nelson basically as a researcher. Our argument is that as an architect, urbanist, and urban planner, he understood the necessity and the importance to understand the “real world” in a more profound level. This comprehension took him to seek and discuss methodological approaches in other fields of knowledge and innovative uses of methods. In this pursuit he approached anthropology, as a discipline that could provide the tools with which he could apprehend the “real scale”, in the sense that “nothing has an obligation of relationship as a totality, the way we want it to be”. On the other hand, he develops adaptations and even uses innovative methods that were in a certain way rare to planners at the time, specially in relation to the study of favelas and its solutions, and the process of planning for the municipalities. These innovations also occurred even in reference to the organization of the research team and work. So that our discussion involves a dialogue between rigor, flexibility and creative research methods. Our main sources were Carlos Nelsons writings, our personal documents and our experience as a researcher in CPU during 20 years and as a colleague teacher at the School of Architecture and Urbanism of UFF for 9 years.

Key words: 1. Research methods in urbanism 2. Critic, adaptation and flexibility in Urban research

INTRODUÇÃO A UM ROTEIRO DE APRENDIZADO E CRÍTICA

Tive uma longa convivência com o arquiteto, urbanista, planejador, professor ou, como ele mesmo num determinado momento se autodenominou “um observador das interações sociais e redes de significados”(SANTOS,1980a).E é nesta última qualificação , enquanto observador /pesquisador que desenvolvo este trabalho, na medida em que uma de minhas associações com ele foi exatamente pavimentada na prática da pesquisa, em especial no uso e discussão de métodos e procedimentos. Quando se fala de pesquisa está se tratando de formas e busca de conhecimento: abordagens e “meios” como “ferramentas”(SOUZA, 2013) e como estas são utilizadas. Por quanto em muitos textos de Carlos Nelson (aliás em quase todos) transparece nas entrelinhas ou está explicitada a forma de uso dos métodos e técnicas, são relativamente poucos os escritos totalmente dedicados às técnicas de pesquisa. Dentre os muitos textos, selecionei especialmente alguns que me pareceram exemplares e particularmente expressivos do pesquisador no seu cotidiano. Além disso, nessa longa convivência busquei refletir sobre aspectos e procedimentos (ou mesmo “não procedimentos”) vindos desta experiência compartilhada. Assim, trato aqui de uma faceta que me atrai e que pouco vi tratada no caso de Carlos Nelson. Quero referir-me aos bastidores das pesquisas que desenvolveu, muito mais do que veio de “manuais-receituários” de livros sobre metodologia. Assim, este artigo não foi pensado como “o que foi o procedimento correto ”ou “como foi correto”, mas muito mais em “como pensar métodos e técnicas frente a questões, fenômenos e grupos sociais que exigem um saber “além” da aparência, além da “pura constatação empírica” e frente às necessidades concretas para solucionar questões práticas. Ou seja, no primeiro caso, o primeiro item deste paper, “refletimos sobre a reflexão”, da forma como foi colocada para o urbanista, e que o levou à proximidade com o(s) método(s) da antropologia. O saber que envolve relações sociais mediatizadas e compartilhadas através de redes de símbolos. A necessidade de entender a rede de significados que leva à compreensão profunda das relações sociais. E porquê compreendê-las. Neste sentido, Carlos Nelson aproximou-se dos paradigmas que, a partir dos anos de 1950 e especialmente dos de 1960 iniciaram a crítica da pesquisa tradicional. No segundo item , começamos a transitar mais na “tal realidade”(SANTOS, 1980a) quando Carlos Nelson discute como métodos e técnicas se expressam e se desenvolvem direcionados a fenômenos e grupos sociais específicos. O que é importante, o que pode ser uma descoberta nessa visão do pesquisador urbanista inserido no estudo de um grupo específico. Finalmente, encaminhamos uma breve

reflexão que trabalha de certa forma “colada “ à segunda,. É o pesquisador-ator-agente de uma intervenção pública que, além de guardar o rigor de sua pesquisa , é de certa forma condicionado a um contexto em que necessita observar determinados parâmetros de certa forma “impostos” de fora, para chegar a um projeto (solução ou hipótese de solução).

As fontes para este trabalho, são escritos, textos (inclusive apresentações de relatórios de pesquisas) de Carlos Nelson, e baseiam-se especificamente em pesquisas nas quais participamos ou tivemos certa proximidade, selecionadas na medida em que exemplificavam aspectos particulares de Carlos Nelson como pesquisador. Em alguns casos usamos estudos não coordenados diretamente por ele, mas que seguiam debates do CPU entre outros profissionais. Utilizamos ainda documentação de nosso acervo pessoal, fruto de longos quase 20 anos como pesquisadora do Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas (CPU) do IBAM, além de evidentemente da experiência junto ao trabalho com Carlos Nelson em memoráveis aulas na Escola de Arquitetura e Urbanismo da UFF. Uma última consideração é de que muitas ideias e mesmo “ditos“ estão repetidos, disseminados em seus escritos. Nesse sentido, utilizamos referências dos textos (entre as dezenas) que tomamos como base de consulta.

1. O OBSERVADOR DE INTER RELAÇÕES SOCIAIS E REDE DE SIGNIFICADOS

A aproximação de Carlos Nelson com a antropologia não foi nem linear, nem acrítica, nem “pura” no sentido de – ao adotar os procedimentos antropológicos- leva-os às últimas consequências. Entre outros fatores, devido ao seu espírito crítico e muitas vezes “demolidor”, de um lado, e de outro à fusão que sempre esteve presente com o arquiteto e urbanista. De fato via, nos estudos e pesquisas, o caminho pragmático para soluções em especial urbanísticas e arquitetônicas. Conforme já estará sendo discutido nesta sessão, o fato que analisava já vinha imbuído de algumas ilações teóricas, de um lado, e de uma ação empírica de outro que representava o seu pensamento “prático”. O “fato” como discorre Howard Becker ao comentar a diferença entre fatos e interpretações e citando Thomas Khun, os fatos “nunca são apenas fatos”, mas antes como disse ele estão “carregados de teorias”(BECKER, 2009) As categorias que descrevem um fato, sua interpretação, remetem, são “contaminados” por uma teoria. Na outra “ponta” do processo de conhecimento , a da prática, a versão urbanista necessita encaminhar sejam diretrizes, recomendações, sugestões e a versão do arquiteto: projetos. Neste sentido, reluto em classificar Carlos Nelson como

um pesquisador absolutamente “acadêmico”. Como indicado na introdução a este trabalho, num artigo bastante conhecido (SANTOS, 1980a) este explicita parte deste diálogo (às vezes polêmico) que manteve com a antropologia e mesmo com o mundo acadêmico.

Um segundo aspecto importante é que, como pesquisador, urbanista e planejador crítico, Carlos Nelson aproximou-se, do que, em seu tempo, já se configurava como “novos velhos” elementos de paradigmas que assumiam importância na crítica à pesquisa tradicional seja na vertente positivista seja na marxista. Alguns destes elementos vinham de uma revalorização de pesquisadores da Escola de Chicago, e ligavam-se a desdobramentos como os da etnometodologia, hermenêutica, fenomenologia, entre outros. Por outro lado também se desenvolvia a crítica ao marxismo estruturalista dos anos 1970. De qualquer forma, não é objetivo deste artigo desenvolver em profundidade correntes e escolas. O que no caso importa, é que vários desses elementos eram (re)significados em novas correntes das disciplinas (incluindo antropologia, história, sociologia, entre outras) e foram incorporados na ação do “pesquisador – ator”, Carlos Nelson.

Uma primeira ideia é a da importância do “sujeito/subjetividade” e de seu pensamento e ação, como parte do conhecimento da realidade (em crítica explícita à “neutralidade” como postura científica). Observe-se que o repúdio à neutralidade não significa perda do rigor científico...A relação proposta do processo de pesquisa/observação é de “sujeito X sujeito” e não “sujeito X objeto” (DA MATTA, 1980). E este sujeito pesquisado (como o pesquisador) tem suas virtudes e defeitos como ser humano capaz de refletir, agir e reagir. Trata-se de uma visão ao mesmo tempo extremamente realista, no sentido de nem romantizar nem demonizar o outro, mas, ao mesmo tempo, que dá margem à relevância de “ouvir “ o outro, o que o aproxima , mais uma vez das técnicas de entrevistas abertas, histórias de vida, entre outras, e que integram o leque de métodos da pesquisa antropológica. Esta vertente, aliás, também o aproxima de uma postura mais ampla de pesquisa, inserindo-o em outra linha trazida pelos paradigmas emergentes, e que é a da participação ativa do pesquisado. Este aspecto, no seu caso, tem por base duas ideias centrais. A primeira é de que o conhecimento implica em poder e controle (SANTOS e AROEIRA,, 1981). O segundo é de que o conhecimento do pesquisado (na linguagem etnográfica, do “nativo”) é fundamental para o entendimento das “ordens e códigos”(sua cultura”) que dão sentido à realidade e prática do grupo social. Por outro lado, a participação do grupo pesquisado no próprio processo da pesquisa, leva a uma “recriação “ de sua realidade, no sentido de

não só conhece-la de outra forma, como partilhar desse poder do conhecimento. A participação, portanto, é na própria realização da pesquisa e, na medida em que esta realidade é “recriada” ou melhor, alcança-se os “resultados”, estes são compartilhados com o grupo. Caso se considere - agora no plano da prática – a atuação de Carlos Nelson (e, nos anos de 1960, 1970) do grupo QUADRA, estes preceitos são mais bem compreendidos e visualizados¹. Portanto, há que pontuar a relação – notável na época – em que se rompe com o “observador neutro” e se insere o pesquisado como “construtor” - com os “títulos” de sua representação cultural-, do conhecimento sobre a sua realidade.²

Outro aspecto é a importância do conhecimento dos “micro processos” em oposição (ou complementar a) ao estudo das macro estruturas e macro interpretações. Junto a esses, a importância do cotidiano como básico para o entendimento até de estruturas mais amplas , e como base para possíveis “micro transformações “ que poderiam assumir caráter anti hegemônico. Um interessante exemplo é o de considerar as formas alternativas àquelas propostas pelo sistema, como uma reação contra hegemônica³. Uma relação indireta desta postura, e muito ligada à capacidade de “imaginação sociológica”(ir além até da experiência pessoal) do pesquisador (MILLS,1969) é de especular, trazer (e as vezes desenvolver) através dos dados do cotidiano, ou das “falas “ do senso comum, hipóteses mais gerais sobre um fenômeno.⁴ Um dos sentidos da observação do cotidiano e do senso comum é a

..consciência da complexidade do mundo empírico: a realidade é múltipla e cheia de imprevistos que constituem também, importantes elementos do conhecimento. Ao comentar estes aspecto, Carlos Nelson também se aproximava dos métodos da antropologia, em especial da observação participante que, entre outros aspectos, indica a vivência com o grupo social como forma de realmente compreendê-lo.

Uma postura que gostaria de ressaltar entre outras, é a que dá título a esta parte do trabalho, e que constitui uma “base fundadora” do pesquisador Carlos Nelson e que ele de certa forma atribuía à sua inserção na antropologia. Trata-se da consideração

¹ Referimo-nos, aqui, à ação – também pioneira no meio de arquitetos e urbanista – da assessoria , nos anos de 1960 à Federação das Favelas do Estado da Guanabara(FAFEG) na sua luta contra as crescentes e truculentas remoções , e luta pelas propostas de urbanização, e que será o caminho do projeto de urbanização da favela de Brás de Pina .

² Observe-se que de certa forma, este aspecto, no seu desenvolvimento, vai ter uma referência com o que já se discutia (mais em outras terras) sobre a “pesquisa participante”, a “pesquisa ação”, a linha do “advocacy planning”, - tema, aliás da dissertação de mestrado do arquiteto Fernando Casério,- membro da Quadra- no início dos anos de 1970,.

³ Há algumas referências a respeito. Aqui lembro a de considerar a ação dos pobres construindo suas casas em favelas e loteamentos clandestinos, como uma ação deste tipo .(SANTOS,1980b)

⁴ As observações de um leigo sobre fotos de uma favela (no caso o Timbau), levaram Carlos Nelson a interessantes comparações da morfologia de certos aglomerados com vilas e pequenas cidades em colinas toscanas. Um “vice versa” que também presenciei, foi o de mostrar , para uma tia minha a foto de uma vila toscana grimpada no morro e esta exclamar “Mas é uma favela!”

de que o conhecimento de uma realidade, passa pela descoberta das inter - relações e dos significados que se encontram na ação, na prática, na apropriação e na representação dos grupos sociais.

Um dos “métodos” para esse conhecimento é constituído, por sua vez, por um “estranhamento” do que é considerado “óbvio”, no campo do senso comum, do que é familiar “,do que está ao nosso lado ou seja de que “o desconhecido é uma presença constante nos nossos cotidianos” (DA MATTA,1978,) e que “há sempre espaço suficiente para verificarmos o que nos é familiar apenas na aparência” (VELHO,1978).Isto permite um “mergulho” no que está sendo sinalizado nas relações sociais, os significados de falas e ações, as “ordens e os códigos”(SANTOS,1980a) Neste sentido, estes significados envolvem, de um lado intencionalidades e de outro, símbolos comuns ao grupo, particular a cada um . Entender a “cultura” ,as classificações dos grupos sociais e com isso entender a arquitetura que, muitas vezes parece “inclassificável”. Transcrevo aqui um texto que já apresentei em outros momentos e que reputo absolutamente expressivo, e que dispensa explicações : Numa passagem que é até mesmo repetida em alguns textos, Carlos Nelson exemplifica a “limitação de nossas ordens classificatórias” com a experiência de duas equipes de alunos. Uma que busca analisar a casa num conjunto habitacional, e a outra na favela: no primeiro caso,

“era um apartamento da COHAB, sala e três quartos, para onde foi transferida uma família favelada de onze pessoas. Todos tinham que ficar juntos para aguentar pagar a prestação.

Depois de algum tempo fechados naquela gaiola, enlouqueceram. A fórmula era uma dessas típicas que os arquitetos consideram ideais para pobres, porque maximizam as possibilidades de aproveitamento do espaço (...) (e assim os moradores) desandaram a derrubar paredes. Surgiu um caos verdadeiro resultado da rigidez classificatória (...) desfeito o espaço superdesenhado, não sobrava nada. Os alunos, perplexos, sabiam dizer como tinha sido, mas eram incapazes de descrever o que estava sendo.

*Aí se levantou outra equipe dizendo que tinha encontrado uma situação oposta (...) e desenharam um barraco que estavam pesquisando na Maré⁵.Feito o desenho, não sabiam nomear o que haviam representado(...) isto aqui **poderia** ser uma sala, mas acontece que não é bem uma sala...ali **poderia** ser um*

⁵ Favela do atual Complexo da Maré, na orla norte do Rio de Janeiro. Na época, a área era constituída de 6 favelas, somando cerca de 70 mil habitantes.

*quarto, mas não é um quarto...adiante nós **chamaríamos** de área de serviço, mas não podemos garantir...*

O barraco foi feito em um vazio sobre a água. Não tinha compromissos, podia crescer em qualquer direção. No entanto, apresentava formas bem definíveis, só que inclassificáveis (...)" (SANTOS, 1984:112)

A aproximação e adoção de métodos qualitativos a que acrescentou algumas releituras próprias, firmemente ancoradas na sua experiência como arquiteto e urbanista repercutiram, evidentemente, na negociação metodológica das pesquisas do CPU (Centro de Estudos e Pesquisas Urbanas) do IBAM. A título de exemplos mais evidentes, pode-se citar a “Avaliação dos Programas Habitacionais de Baixa Renda . Região Metropolitana do Rio de Janeiro ”(Convênio IBAM/BNH-DEPEA. de 1977 a 1979 ”,)” e a “Avaliação do Programa de Eletrificação de Interesse Social”(Convênio IBAM/Light, finalizado em 1985). Observe-se que a negociação seguida, teve caminhos diversos⁶. Entretanto, em ambas, havia uma metodologia previamente indicada pelos órgãos conveniados com o CPU e que esperavam, de fato, a pesquisa através de um survey, que avaliasse, a partir de questionários aplicados numa amostra de representatividade estatística, as questões colocadas: no caso do BNH a situação dramática dos conjuntos, com alto grau de inadimplência, situação física degradada, e ampla intervenção dos moradores nos projetos (o que era considerado problema). No caso da Light, tratava-se de uma pesquisa sobre um programa importante, pioneiro, no sentido de, pela primeira vez, haver uma intervenção oficial em larga escala para melhoria da infra estrutura em favelas o que, a princípio, representaria um “reconhecimento “ de sua consolidação. “.Feita a negociação, a pesquisa do BNH foi ampliada para incorporar 10 estudos de caso (coordenados pela antropóloga Pina Chinelli) além de outras atividades e, no segundo caso, foram acrescentados 2 estudos de caso levados adiante pela socióloga Marta Costa e a arquiteta Isabel Eiras de Oliveira. Todos constituíam, na verdade, etnografias sugeridas por Carlos Nelson.

Cabe observar que várias outras pesquisas foram realizadas com caráter etnográfico pelo CPU, sendo coordenadas por antropólogos, historiadores, urbanistas que subsidiavam e alimentavam a vertente crítica qualitativa e inovadora que o ambiente propiciava⁷. Dentre estas, além do importante projeto de “Quando a rua vira casa”, há

⁶ A primeira, bastante conflitada teve a coordenação técnica da Arquiteta Alete Ramos, e a segunda, num ambiente bem mais amigável, teve a coordenação conjunta minha e da socióloga Marta Bebiano Costa.

⁷ Entre estas, cabe ressaltar o trabalho – que já se tornou um clássico, conhecido por “Quando a rua vira casa”, coordenado pelos antropólogos Arno Vogel, e Marco Antônio Mello. (Convênio FINEP/IBAM,1982)

que citar a pesquisa que teve também caráter inteiramente qualitativo e etnográfico intitulada “O Mundo (Deles) vai acabar. Impacto da Ação de Furnas em São Sebastião do Paraíba”(RJ)(Convênio IBAM/FURNAS, desenvolvido em 1987/1988). Com este exemplo. que considero de certa maneira extremo, entramos para o segundo item da controversa e múltipla face de Carlos Nelson, em que os estudos e pesquisas são alimento da proposta do arquiteto urbanista.

2. O PESQUISADOR URBANISTA

caminho para considerações finais

No caso da pesquisa citada anteriormente, que envolvia o desaparecimento de uma vila em função da construção da barragem, toda a metodologia, como disse, foi qualitativa, (apesar de algumas críticas do órgão financiador), mas também houve certa aceitação dos resultados, que trouxeram diretrizes concretas. Estes estudos também absorviam, na apresentação de seus resultados, não só relatórios técnicos tradicionais, como filmes e vídeos etnográficos trazendo, para o “mundo oficial” que encomendava as pesquisas, uma linha de trabalho que se estava consolidando no mundo acadêmico⁸.

Na “fusão” antropólogo, urbanista, arquiteto, e professor, além da postura sempre crítica, os estudos e pesquisas apesar de exigirem diretrizes ou recomendações ou mesmo “soluções, pautavam-se por dois aspectos importantes. Primeiro, a ideia , sempre presente, da “construção” do objeto através de “aproximações sucessivas, que levavam a procedimentos metodológicos que incluíam a releitura das técnicas, de um lado (sejam quantitativas ou qualitativas) quanto na própria organização do trabalho. No primeiro caso, as aproximações podiam envolver desenhos, expeditos, perspectivas a sentimento, observações e conversas informais com “personagens” sobre os quais, se construía, gradativamente o conhecimento sobre o fenômeno a analisar . São inúmeros e ricos os exemplos (SANTOS e AROEIRA, 1981), que estão inclusive disseminados pelos relatórios de pesquisa (IBAM,1976), (IBAM, 1985). No caso da organização do trabalho de pesquisa, muitas vezes esta seguia a metodologia proposta, as dimensões e questões do trabalho e mesmo inovações que viabilizavam e introduziam novas perspectivas para a estratégia de sua viabilização. Um trabalho importante, que tornou-se exemplar , inclusive pelos que dele participaram, foi o da pesquisa “Subsídios para a Ação Imediata do Governo Visando ao Impacto do

⁸ Foi entre outros, tanto o caso de “Quando a rua vira casa” quanto do trabalho para Furnas

Metrô”(1976), que teve como coordenação técnica os saudosos Murilo de Godoy e Maurício de Abreu (no seu período no IBAM). Além das equipes responsáveis pelas dimensões a serem pesquisadas (urbanismo, meio ambiente, mercado imobiliário sócio econômica) foi montada uma equipe cujo objetivo era não só o apoio às demais, na delimitação da área a pesquisar (a área considerada de impacto futuro do Metrô ao longo das linhas e no entorno das estações em construção), o que já constituía um trabalho de peso, exigindo ajuste e redesenho dos mapeamentos e a adequação dos dados estatísticos, como na verdade formulava todo o desenho da pesquisa em função das dimensões⁹.

Portanto, outro conjunto de considerações que é importante pontuar é a junção de sua postura de busca do conhecimento, com a ação. Esta última, na concretização de dois aspectos, certamente originados de sua formação como arquiteto e urbanista. Primeiro no entendimento de que teoria e prática são processos que se unem e se articulam. As pesquisas têm um uso, devem levar a ações e práticas e para isso seu “fecho” deve conter elementos concretos de ação (que podem ser de diretrizes a projetos). Isto deve se dar tanto de forma mais difusa e/ou geral (mesmo crítica) quanto de maneira a mais pragmática possível, inclusive com proposições que devem ser viáveis, seja para os grupos mais pobres, seja para os grupos de poder. Neste último aspecto referimo-nos, evidentemente, aos casos em que os convênios e contratos explicitavam essa exigência.

As pesquisas indicadas. quase todas (com algumas exceções) tiveram nas suas conclusões propostas e recomendações para a ação dos órgãos conveniados. Algumas levando a conflitos, uma vez que, como indicado anteriormente, as sugestões práticas, e a flexibilidade de pensamento de Carlos Nelson no sentido de releituras de métodos e práticas, não eliminava seu profundo espírito crítico e o rigor e qualidade que exigia dos trabalhos. De certa forma isto era reconhecido. Na pesquisa financiada por Furnas, o debate e até mesmo conflitos contundentes foram muito mais relacionados à “desconfiança” com o método empregado na pesquisa, de caráter totalmente qualitativo e etnográfico, do que às recomendações em si...

A questão da prática, nos anos mais maduros, assume papel importante no que se poderia chamar de seu “arsenal de recursos metodológicos”. É interessante observar que, em pelo menos um projeto importante, os próprios procedimentos de pesquisa

⁹ É interessante observar que a metodologia desta pesquisa, inclusive o seu tema pioneiro, exigindo uma projeção da complexidade urbana para o futuro, foi objeto de comentário do geógrafo Maurício Abreu no seu memorial para professor titular, considerando as inovações aludidas acima, como momento importante em sua carreira.

são explicitados num roteiro simples, porém muito significativo. Um roteiro dirigido aos urbanistas em campo, visando projetos para cerca de 40 municípios. Um trabalho de 1985, num convênio, mais uma vez com o BNH/DEPEA. Um roteiro que de certa forma se afasta de um “saber acadêmico”, no sentido da especulação teórica, do aprofundamento de hipóteses, para se aproximar de forma direta ao que é necessário no mundo empírico.¹⁰. O nome do documento é, inclusive “Ação em Campo”. Entretanto, e aí já se coloca uma consideração final deste trabalho, no fundo, não abre mão de sua metodologia de construção do objeto, de diálogo permanente com a realidade. Isto aparece, neste roteiro, nas instruções (com modelos, inclusive) de como se aproximar desta realidade , de formas de estranhamento, de associar à prática, enfim, um exercício constante de crítica (diz: “as obras do prefeito devem ser problematizadas...)

É de se notar que mesmo na sua visão sobre o urbanista e em especial o arquiteto, para o qual parece se voltar mais nos últimos anos de sua vida a questão do saber, do conhecimento da pesquisa, se mantém. Lembro de partilhar com ele aulas na UFF em que de certa forma ele “escandalizava “ pelo menos alguns alunos ao dizer que o projeto de arquitetura na verdade se constituía numa grande hipótese (e se não me engano ele escreveu em algum lugar..) cujo teste é o seu uso, as formas de sua apropriação real pelos grupos sociais...

E O FINAL

O último escrito de Carlos Nelson, pouco antes de sua morte, publicado na revista RAM (SANTOS, 1989) chamado “Planos e Diretores” é muito simples. Como já aludimos em outro texto (SILVA, 2002) “no fim, ele começou a pensar em projetos localizados de intervenção urbana” mas sempre com a potencialidade forte de sua reflexão , e, pensando hoje a cidade, de forma estranhamente profética...ele dizia: (...)

Devemos fazer coisas que potencializem o que existe. Não se deve pensar em grandes esquema , grandes planos. E mesmo que se tenha uma ideia do que vai ocorrer, vai sempre acontecer diferente; sempre haverá uma nova e diferente síntese. E a cidade é feita de sínteses. Na hora em que se mexe nela, outras sínteses surgem” (SANTOS, 1989)

¹⁰ Ao orientar os profissionais a respeito das checagens que deviam proceder em campo, define : checagem política, checagem técnica e checagem junto á comunidade, quando adverte sobre esta última, inclusive grifando: “não se trata de estudo de ciência social”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECKER, Howard, S. *Falando de sociedade: .Ensaio sobre as diferentes maneiras de representar o social* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009
- DA MATTA, Roberto”, O Ofício do Etnólogo ou como ter “Anthropological Blues” In: NUNES, Edson de Oliveira (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1978. P.23-35
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, ”O que transforma e em que é transformado” In: Turkienicz , Benamy (org) *Desenho Urbano: I Seminário sobre desenho urbano no Brasil*. Cadernos Brasileiros de Arquitetura,(volume 12). São Paulo: PROJETO/CNPq/FINEPp100-115
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos “ Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?” In: VELHO, Gilberto (org) *O desafio da cidade. Novas perspectivas da antropologia brasileira* Rio de Janeiro: Ed Campus, 1980ª p.37-55/
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos ”Velhas novidades nos modos de urbanização brasileiros” In VALLADARES, Lícia (org.) *Habitação em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos, AROEIRA Neves, Rogério “Um tema dos mais solicitados: como e o quê pesquisar em favelas” In: *Revista de Administração Municipal*, Ano XXIII, Rio de Janeiro: IBAM, Out/Dez. 1981 p 8-19
- SILVA, Maria Lais Pereira “Sobre as favelas e seus moradores: palavras de Carlos Nelson Ferreira dos Santos” In: *Revista da FAU/UFRJ: Habitar a cidade: favela* N.1 Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2008.p.8-15
- SILVA, Maria Lais Pereira “O arquiteto que virou antropólogo: Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Depoimento” In: FREIRE, Américo, OLIVEIRA, Lúcia Lippi (orgs) *Capítulos da memória do urbanismo carioca* Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2002. p. 106 - 117
- SOUZA, Marcelo Lopes de *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio – espacial*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil. 2013..
- VELHO, Gilberto. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson de Oliveira (org). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1978. P.36-46

Relatórios de Pesquisa(*)

- IBAM, *Viviendas para Personas sin Hogar - Acción Sobre la Pobreza Crítica* convênio IBAM/PNUD/HABITAT, (1988).
- IBAM, *Avaliação do Programa de Eletrificação de Interesse Social da Light nas favelas do Rio de Janeiro*. Convênio IBAM/LIGHT.-, 1984
- IBAM, *Avaliação dos Programas Habitacionais de Baixa Renda na Conurbação Metropolitana do Rio de Janeiro*. Convênio IBAM/BNH_DEPEA,1977-1979
- IBAM, *O Mundo (Deles) vai acabar. Impacto da Ação de Furnas em São Sebastião do Paraíba* (RJ) Convênio IBAM/FURNAS (1987/1988)
- IBAM *Subsídios para a ação imediata do governo visando ao impacto do Metrô* Convênio IBAM/METRÔ, 1976-1977
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos SILVA, Maria Lais Pereira da *Favela do Morro do Timbau* Rio de Janeiro: projeto "Financiamento Não Convencional da Habitação Popular" - HABITAT/ONU , 1984

(*) Projetos com a coordenação geral de Carlos Nelson Ferreira dos Santos, citadas no texto